

ECOLOGIA

RONDÔNIA: QUANDO A FLORESTA VAI ACABAR?

Apesar das constantes advertências feitas por cientistas das mais diversas áreas, prossegue, em ritmo alarmante, o desmatamento da maior e mais complexa reserva natural de nosso planeta. Caso não seja adotada uma política de exploração compatível com a frágil natureza do ecossistema amazônico, as previsões para um futuro próximo são sombrias.

Esse desmatamento desordenado e inconsequente, que poderá causar não só prejuízos irreparáveis para a região, mas danos em escala global, é resultado sobretudo de pressões econômicas. O que está em jogo é uma possível ampliação da fronteira agropastoril para fins de produção de grãos exportáveis e criação de gado, extra-

ção de madeiras nobres, exploração de minérios, caça de peles lucrativas, ao lado da exploração de inúmeros outros bens ligados ao setor primário.

Na Amazônia, o estado de Rondônia encontra-se em situação especialmente crítica, não só pela dimensão da área já desmatada, como pela forte tendência exponencial das taxas de crescimento das áreas desmatadas (ver *Ciência Hoje* n.º 10, "Rondônia: sem florestas na próxima década?" e "Distribuição de solos pobres na colonização de Rondônia", em *Ciência Hoje* n.ºs 19 e 33).

Dados colhidos por J.P. Malingreau e C.J. Tucker*, da Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço (NASA) dos Es-

tados Unidos, mostram que, em 1985, 27.658 dos 243.044 km² que formam o estado de Rondônia (11,38% da sua superfície) já se encontravam totalmente desprovidos de sua cobertura florestal. Isto significa que, entre 1983 e 1985, a área desmatada cresceu de 5,74% para 11,38%, ou seja, praticamente duplicou, no curto intervalo de dois anos.

Além da área que está totalmente desprovida das suas matas nativas, há que considerar aquelas definidas como "áreas perturbadas", ou seja, as que sofreram modificações parciais em decorrência da ação depredadora do homem e já não apresentam suas características originais. Segundo os pesquisadores citados, as "áreas perturbadas" somavam 86.808 km² no ano de 1985.

A situação pode ser ainda mais dramática se levarmos em conta que os dados fornecidos por satélites são baseados em critérios que normalmente subestimam a área realmente devastada.

Como se observa no gráfico, as taxas de desmatamento no período 1975-85 se ajustam significativamente a uma curva do tipo exponencial. De acordo com o ajuste obtido, estima-se que, até o final de 1987, já se terá atingido um desmatamento da ordem de 20,13%, e o estado apresentará um total de 48.930 km² sem a cobertura original. Supondo-se que o mesmo comportamento seja mantido com relação às "áreas perturbadas", estas, proporcionalmente, apresentariam um valor estimado em 155.573 km² no final deste ano.

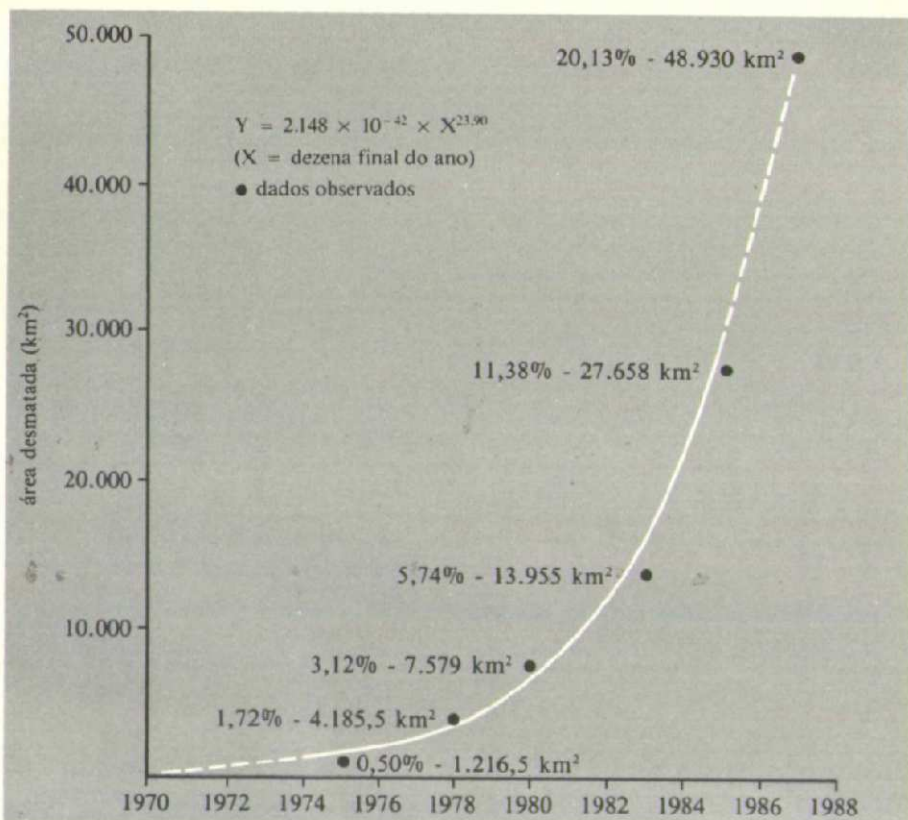
Assim, se persistirem os moldes atuais de colonização e ocupação do estado, as tendências reveladas pela curva de desmatamento permitem prever que Rondônia poderá estar inteiramente desprovida de suas florestas naturais entre os anos de 1993 e 1994.

Torna-se claro, no entanto, que esses rumos podem ser profundamente alterados, desde que se suste o desordenado movimento migratório rumo a essa região, implantando-se por outro lado uma rigorosa política de uso e manejo adequados do solo. Só assim poderá ser preservada essa importante riqueza natural, cuja perda seria definitiva.

* *Simpósio IGARSS-87*, Ann Harbour, Michigan, maio de 1987

Paulo Rodolfo Leopoldo Eneas Salati

Faculdade de Ciências Agrônomicas, Universidade Estadual Paulista (Campus de Botucatu)



Tendência atual da relação entre a área desmatada e período, para o estado de Rondônia. A persistir este ritmo, já não haverá florestas em Rondônia dentro de seis anos.